



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UnB
Faculdade de Educação-FE
Universidade Aberta do Brasil-UAB
Coordenação do Programa de Pós-
Graduação em Educação
II Curso de Especialização em Educação na Diversidade
e Cidadania, com Ênfase em Educação de Jovens e Adultos / 2013-2014**

LUA ISIS BRAGA MARQUES

**Crítica da Imagem – Oficina de Audiovisual com Jovens em Restrição de
Liberdade**

BRASÍLIA

ABRIL/2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação - UAB/UnB/ MEC/SECAD
II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e
Cidadania, com Ênfase em EJA / 2013-2014

CRÍTICA DA IMAGEM
OFICINA DE AUDIOVISUAL COM JOVENS EM RESTRIÇÃO DE
LIBERDADE

LUA ISIS BRAGA MARQUES

ORIENTADORA: PROFESSORA DRA. ELIZABETH DANZIATO REGO
PROFESSOR TUTOR: EDEMIR JOSE PULITA

BRASÍLIA, DF abril/2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação - UAB/UnB/ MEC/SECAD
II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e
Cidadania, com Ênfase em EJA / 2013-2014

Lua Isis Braga Marques

Crítica da Imagem – Oficina de Audiovisual com Jovens em Restrição de
Liberdade

Trabalho de conclusão do II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em EJA /2013-2014, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista na Educação de Jovens e Adultos.

Professora Orientadora

Tutor Orientador

Avaliador Externo

BRASÍLIA, DF Abril/2014

SUMÁRIO

RESUMO	05
INTRODUÇÃO.....	06
PARTE I	07
1. PROJETO DE INTERVENÇÃO LOCAL (PIL).....	07
1.1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE	07
1.2 DADOS IDENTIFICADOR DO PROJETO.....	07
1.3 ÁREA DE ABRANGÊNCIA.....	07
1.4 JUSTIFICATIVA E CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	07
1.5 OBJETIVOS: GERAL E ESPECÍFICO	08
1.6 ATIVIDADES E RESPONSABILIDADES	09
1.7 CRONOGRAMA	10
1.7.1 Quadro I	10
1.8 PARCEIROS	11
PARTE II.....	13
2. RELATO DA OFICINA DE IMAGEM POPULAR	
2.1 POR QUE FAZER UMA OFICINA DE VÍDEO POPULAR DENTRO DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA?	13
2.2 AS INSTITUIÇÕES E O SUJEITO EM QUESTÃO	15
2.3 A EXPERIÊNCIA E SUAS SIGNIFICÂNCIAS NO PROCESSO VIVIDO NA OFICINA	19
2.3.1 PRIMEIRA ETAPA - CONSCIENTIZAÇÃO	20
2.3.2 SEGUNDA ETAPA – CAPACITAÇÃO	22
2.3.3 TERCEIRA ETAPA – PRODUÇÃO	23
2.4 CONSIDERAÇÕES	24
REFERÊNCIAS	29
AGRADECIMENTOS	30

RESUMO

Este projeto teve como objetivo desenvolver uma oficina de audiovisual dentro da Unidade de Internação Plano Piloto – UIPP/DF para jovens que cumprem medida socioeducativa no ano de 2012 e 2013, teve como produção o documentário Efeito Camaleões que se encontra no link <http://youtu.be/xLys8XbIIDo>. A criação levou ao relato de experiências significativas sobre a produção audiovisual coletiva e autogestionária, na busca por adequar uma pedagogia criativa que respeitasse a demanda social desses jovens.

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Este proyecto tiene como objetivo desarrollar un taller sobre audiovisual en la Carceres de jóvenes y adolescentes que son en las prisiones para jóvenes, durante el año 2012 y 2013, tenido la producción del documentário Efeito Camaleões que si encuentra em el link <http://youtu.be/xLys8XbIIDo>. El Taller llevado al un relato de la creación de experiencias significativas en la construcción de la producción autogestionada y audiovisual colectiva en la búsqueda de una pedagogía creativa que respeta la demanda social de estos jóvenes.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se divide em duas partes: a primeira encontra-se o Projeto de Intervenção Local (PIL) que teve como principio realizar uma oficina de audiovisual no ano de 2012/2013 no período de aula na Unidade de Internação do Plano Piloto - Distrito Federal (UIPP/DF) com jovens e adolescentes em restrição de liberdade.

A segunda parte é o relato da produção do documentário *Efeito Camaleões* que se encontra no link <http://youtu.be/xLys8XbIIDo>, o percurso do projeto teve altos e baixos, porém sua aplicação foi de muita aceitação por parte dos/das adolescentes e jovens que cumpriam medida socioeducativa.

O projeto de intervenção encontra-se mais restrito, pois ainda não havia sido feito o curso Ctareja, ao longo do percurso, e passou por mutações. O trabalho levou a compreensão do fenômeno da barbárie na complexidade da vida desses/as jovens, que a partir de experiências trágicas estão “dispostos a mudar e seguir uma nova trajetória” como nos fala a aluna A.C.A, 16 anos, que dá seu depoimento no vídeo.

O vídeo foi totalmente pensado, discutido e elaborado pelos/as alunos/as, inclusive o nome “efeito camaleões” que traz a possibilidade e a busca da mudança dos próprios indivíduos e da sociedade como um todo.

Por fim apresento este trabalho como uma gota no oceano na tentativa quase utópica de construir uma produção audiovisual coletiva e autogestionária, onde os papéis não foram pré-determinados e/ou fixados como em uma estrutura hierárquica.

PARTE I

1. PROJETO DE INTERVENÇÃO LOCAL

1.1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE:

Nome: Lua Isis Braga Marques

Turma: 09

Informações para contato:

1.2 DADOS IDENTIFICADOR DO PROJETO

TÍTULO: Crítica da Imagem - Exercício de uma Produção Audiovisual com Jovens em Restrição de Liberdade

1.3 ÁREA DE ABRANGÊNCIA: Projeto Regional no Distrito Federal, Unidade de Internação Plano Piloto/Distrito Federal (UIPP/DF).

1.4 JUSTIFICATIVA E CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

O Projeto de Intervenção Local constitui-se a partir da necessidade de melhorar as aulas de português ministradas na medida socioeducativa – Unidade de Internação Plano Piloto – UIPP/DF.

A escassez de atividades culturais, a verificação do repúdio, da maioria dos estudantes, pela escola, que preferem assistir televisão dentro de suas celas, levou-me a buscar novas formas de atuação em sala de aula. Já apropriação da tecnologia foi consequência de experiências pessoais que me levaram a luta pelo direito a comunicação.

Desse modo a oficina se constituirá por três etapas a serem desenvolvidas:

A primeira etapa - Conscientização: terá a exibição de filmes e documentários seguidos de discussões tendo como foco os conteúdos, esta etapa é importante para criação de senso crítico, possibilitando a sensibilização para uma leitura da realidade.

A segunda etapa - Capacitação: que será a de formação da linguagem cinematográfica, o material a ser apresentado estará focado nas técnicas de produção audiovisual¹.

¹ Julio Wohlgemuth em seu livro *Vídeo educativo – Uma pedagogia audiovisual* - propõe uma metodologia para transmissão do conhecimento de técnicas audiovisuais entre as técnicas enquadramento, movimentos de câmera, o formato, cor, brilho e contrastes, entre outras. Facilitando o uso de tecnologias acessíveis, de baixo custo.

A terceira etapa - Produção: Será desenvolvida proposta de roteiro, seguida de filmagem, montagem e edição do material produzido por cada um dos grupos, ao fim da última semana será proposto uma data para exibição dos projetos finais, que pretende reunir os participantes das oficinas, familiares, agentes da UIPP e instituições afins.

A escolha do vídeo documentário como ferramenta para criar o lócus de fala possibilitará desmitificar e questionar as produções midiáticas oficiais e suas estruturas fixas. O padrão convencional como se sabe, está baseado na tríade Emissor-Meio-Receptor. Fora desse padrão, caso do vídeo documentário esta tríade é modificada para Interlocutor-Meio-Interlocutor, instaurando circuitos abertos de comunicação (Wohlgemuth 2005, pág.17). Esta transformação do modelo convencional para um modelo emancipador diminui a separação entre o autor e o público.

A necessidade da apropriação da tecnologia do ponto de vista educacional é uma dimensão estratégica, se não é feita de maneira consciente, sem cair na lógica do consumismo capitalista, cuja preocupação é tornar o produto obsoleto, pode criar necessidades inúteis.

A informação, na sociedade, não deveria ser usada como mercadoria, assim este projeto vem enriquecer o educando com ferramentas que o habilitem a sair de uma condição que Freire (1987) chamava de Ser Menos, do ser passivo que só recebe informações da mídia oficial e não é capaz de refletir sobre elas para o Ser Mais.

Assim a oficina de audiovisual tem como princípio: aprendizagem, desenvolvimento e produção da linguagem, técnicas e tecnologias aplicadas ao processo audiovisual; conscientização do papel da comunicação na convivência em sociedade; apropriação tecnológica e fortalecimento dos vínculos e compromissos destes com a sociedade e da sociedade com os jovens em conflito com a lei.

1.5 OBJETIVOS:

Propor uma oficina de audiovisual para jovens em restrição de liberdade a partir dos saberes popular juntamente com o conhecimento acadêmico técnico-científico, valorizando a apropriação, desconstruindo tabus sobre a tecnologia, e desenvolvendo o hábito da leitura/escrita no processo de pesquisa e escrita do roteiro.

Os objetivos específicos:

- a) Realizar as etapas de produção audiovisual (conscientização crítica, elaboração de roteiro e produção);
- b) Sensibilizar os educandos para construção da crítica por meio dos filmes e documentários exibidos e discutidos, os filmes se caracterizam por tratar de questões de fundamentais

interesses da sociedade e dos próprios participantes que se encontram restrito de sua liberdade;

c) Elaborar o roteiro a partir de um estudo de gênero textual, criação de argumentos consistentes a exemplos de roteiro, como o roteiro do documentário;

d) Capacitar o jovem a se apropriar da tecnologia audiovisual sem criar dependências de consumo e desenvolver técnicas participativas de produção a partir das filmagens, entrevistas, edição, contato com os entrevistados e etc.

1.6 ATIVIDADES E RESPONSABILIDADES

As oficinas se constituirão em três etapas que serão desenvolvidas após o encontro inicial para apresentação da proposta e constituição dos grupos.

A primeira etapa, conscientização: irá sensibilizar o telespectador, um conjunto de imagens trabalhará em um sentido denotativo, mostrando a realidade dos sujeitos de forma compreensível e educativa priorizando os documentários.

A segunda etapa, capacitação: apesar dessa etapa se constituir de um caráter mais técnico, a capacitação aqui tem um sentido também de descobrir técnicas colaborativas e de compartilhamento para solução de um problema, apreendendo a controlar as emoções e resolver conflitos de interesses dentro do grupo e criar soluções para possibilitar apropriação e adequação das técnicas de filmagens, gravações de áudio, e outras.

A última etapa, produção: como o próprio nome diz será o de produção do documentário, neste momento, será criada condições para o aprendizado de noções de edição de vídeo, decupagem, tratamento de áudio, e outras técnicas de audiovisual.

E finalmente, propor uma data para exibição dos projetos finais, que pretende reunir os participantes da oficina, familiares, agentes da UIPP e instituições afins.

O projeto buscará desde desenvolver técnicas participativas de produção coletiva de conhecimento a fim de criar possibilidade de resistência na luta contra a barbárie² como nos mostra o texto trabalhado no curso Ctareja, a construção coletiva:

É justamente por isto, que os seres humanos são capazes de transformar suas circunstâncias, ainda que a sociabilidade capitalista tenda a transformá-los em objetos pela mercantilização de suas relações. É na luta contra este processo de mercantilização que deve ser entendida a força da construção coletiva. Para isto é fundamental a perspectiva de singularidade dos seres humanos, da

² “O conceito de barbárie surge como uma forma abrangente e compreensiva de entendimento da realidade brasileira por alguns intelectuais brasileiros” Marildo Menegat.

recusa dos esquemas conceituais rígidos, onde o ser humano é refém seja de sua objetividade ou de sua subjetividade.(Construção Coletiva 2013)

Exibição e discussão dos filmes e documentários enriquecerão todo processo, entender como se constrói um filme e discuti-los a partir de suas estruturas e também pelos temas abordados levará a uma melhor aceitação do público que tem uma predisposição em apenas assistir filmes de violência gratuita.

Apresentação e produção de materiais de referência (texto, foto, música), todos voltados para construção do documentário, roteiros, fotos sociais que os conectassem com o mundo real das lutas de classe como as fotos do Sebastião Salgado³, também serão de uso metodológico.

1.7 CRONOGRAMA

Quadro I

Conscientização	Filme / Documentário	Discussão
16, 17, 23 e 24 de agosto/2012	<i>“Quando a Mãe chora e o filho não vê”, “É pó é pedra é um vício no meio do caminho”, “Vale a pena?” “verdade ou consequência”</i>	<i>Exibição de material produzido em outras oficinas de audiovisual realizadas nos Centros de Internação para Menores em Goiânia. Apresentação da proposta de trabalho e definição das turmas.</i>
13, 14, 27 e 28 de setembro/2012	<i>Ilha das Flores, Jorge Furtado (1989) e Levante sua Voz, Coletivo Intervezes (2009)</i>	<i>Através de uma linguagem lúdica e dinâmica, o clássico documentário de Jorge Furtado discute o consumismo e a desigualdade social para falar do desejo humano de liberdade. 20 anos depois o Coletivo Intervezes irá parodiar a originalidade de linguagem de Furtado para falar do direito à</i>

³ Sebastião Salgado premiado fotógrafo brasileiro, produziu imagens das condições de vida dos trabalhadores em várias regiões do mundo.

		comunicação.
4, 5 de outubro de 2012	Capítulos 1 (Surgimento do Brasil), 5 (Cultura Negra no Brasil), 10 (Invenção do Brasil e Conflito Inter-racial) da série "O Povo Brasileiro", baseado na obra do antropólogo Darcy Ribeiro e Hiato, Vladimir Seixas (2008)	A série, dedicada a investigação da formação do povo brasileiro, é dividida em 10 capítulos. Através da seleção de três deles, pretende-se fazer um mergulho na história e origens de conflitos e preconceitos, até chegar aos dias de hoje com Hiato, um documentário sobre a ocupação de sem-tetos e favelados à um shopping no Rio de Janeiro, explicitando as "fronteiras" invisíveis existentes em meio a sociedade. O formato do material contribui ainda para fazer conhecer alguns dos recursos audiovisuais, a linguagem de TV, reportagem, entrevista e documentário , suas semelhanças e diferenças.
12,13 de novembro/2012	Rap, o canto da Ceilândia, Adirley Queiroz (2005)	documentário independente que relatam a trajetória de jovens da Ceilândia (DF) e a história da construção da cidade.
19 e 20 de novembro	Ônibus 174, José Padilha (2002) e o filme Última Parada 174, Bruno Barreto (2008)	O documentário conta a vida de Sandro Nascimento, sequestrador do ônibus 174 em junho de 2000, na zona Sul do Rio de Janeiro. Anos mais tarde, Barreto irá remontar a vida de Sandro em uma ficção. Partindo de um mesmo tema, ambos gêneros: documentário e ficção , contribuem para a discussão sobre o processo de transformação da criança de rua em bandido, sugerindo as causas da violência nas

		<i>grandes cidades do Brasil. O filme visa estimular a escrita do jovens – abordando assuntos sobre suas trajetórias de vida, como exercício narrativo.</i>
--	--	---

1.8 PARCEIROS

Na conjuntura da proposta para possíveis experiência colaborativa contará na oficina com a cooperação do Professor William Luzente, parceiro na proposta e de fundamental importância para a práxis do projeto de intervenção local na UIPP.

Nesse conjunto de experiências significativas nas artes, nas mídias, e, sobretudo, na educação. Tornar-se-á fonte de referência o projeto Proeja-Transiarte cuja ênfase é a união das disciplinas curriculares com a tecnologia, e do processo de transição entre o espaço presencial e o virtual valorizando a voz, a decisão, a criatividade e a realidade dos sujeitos envolvidos no processo educativo. (Teles, 2012). Assim participar do Transiarte foi uma possibilidade de formação para adequar teoria à práxis na unidade da oficina.

Para efetivação do projeto contar-se-á com o apoio do Projeto Dar às Mãos - projeto de extensão-UNB/MEC/SESU que me proporcionará os materiais para finalização das filmagens e edição, e direcionando-me para uso de ferramentas livres, como softwares livres para edição.

Nesse processo de colaboração teremos a presença de um profissional na área cinematográfica Walter Júnior que se disponibilizara uma ilha profissional de edição, além de ceder seu tempo para ensinar algumas técnicas de cinema e documentário para os adolescentes.

O filme é o produto final da oficina por isso é de fundamental importância, pois ele é a concretização de que mesmo com dificuldades e sem muitas técnicas profissionais, a produção é possível assim como o relato que segue.

O curso Ctareja trouxe ao trabalho o contato direto com a realidade das políticas públicas no Brasil da Educação de Jovens e Adultos trabalhadores-EJAT, ampliará meus paradigmas metodológicos e criará novas condições mais adequadas para poder trilhar na educação e transformar microcosmo na relação com os jovens e adolescentes.

PARTE II

2. RELATO DA OFICINA DE IMAGEM POPULAR

2.1 POR QUE FAZER UMA OFICINA DE VÍDEO POPULAR DENTRO DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA?

A oficina de audiovisual na Unidade de Internação Plano Piloto – UIPP/DF - iniciou-se no ano letivo de 2012, e deu continuidade no ano letivo de 2013. A oficina contou com a colaboração do professor William e do Júnior produtor de cinema, 15 alunos participaram e 13 concluíram.

Por meio de uma metodologia baseada na educação popular⁴ e de uma pedagogia audiovisual⁵, teve duração de um semestre para finalizar as duas etapas, a última etapa foi concluída no início de 2013. As etapas constituintes do processo foram **a de conscientização, capacitação e produção**, que resultou na produção de vídeo documentário “Efeito Camaleões” de 20 minutos.

Com o projeto em mãos tudo foi explicado e lido para os adolescentes. A primeira etapa foi de exibição de filmes e documentários seguidos de discussão com ênfase nos conteúdos, etapa de capacitação que partiríamos para crítica e compreensão do que é propriamente um documentário.

Na etapa seguinte foi trabalhada a linguagem cinematográfica, o material a ser apresentado foi focado na técnica da produção audiovisual, ao que chamamos etapa de capacitação.

Na terceira a etapa, a de produção, se desenvolveu a proposta de roteiro, seguida de filmagem, montagem e edição do material produzido. Ao fim dessa maratona foi proposto à Unidade no início de 2013 para exibição do projeto final, que reuniu os participantes das oficinas, familiares, agentes da UIPP/DF e instituições afins.

Durante a realização do projeto ampliamos o paradigma de Educação, pois ela não poderia ocorrer somente na escola, mas em várias instâncias da vida. Paulo Freire em seu livro *Extensão e Comunicação* parte do princípio de que a comunicação é parte **integrante da educação. Com esse preceito formulou que a** educação, é uma construção compartilhada de

⁴ A metodologia da educação popular baseia-se nos ensinamentos de Paulo Freire “A educação autentica, repitamos, não se faz de A para B ou de A com B ou de A sobre B, mas de A com B mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987:84)

⁵ A pedagogia audiovisual desenvolvida pelo Wolhgemuth a fim de criar uma apropriação mais adequada das técnicas audiovisual transformando-as em ferramenta para comunicação dos sujeitos.

conhecimentos, e constitui-se em um processo de comunicação porque é gerado por meio de relações dialéticas (1983).

A inclusão digital e a educação popular tornam-se necessárias e são produtoras de uma cidadania participativa, possibilitando que os sujeitos sociais sejam mais ativos, participantes das movimentações para a construção de uma sociedade melhor.

Assim a metodologia da Oficina de audiovisual teve como característica a percepção da realidade por este grupo, ao identificar elementos que eram compartilhados, e teve como objetivo a aprendizagem, desenvolvimento e produção de linguagem, técnicas e tecnologias aplicadas ao audiovisual.

A Oficina teve como foco principal trabalhar com as informações sócio-cognitivas, por meio de signos denotativos, com finalidade de modificar práticas produtivas e existenciais, recuperando a capacidade de produção dos adolescentes que cumprem medida de restrição de liberdade.

Foi buscada a ação coletiva e participativa como proposta de emancipação do sujeito, a partir da responsabilização dos próprios atos, ao se trabalhar o exercício coletivo do poder pelo consenso, além da transparência na tomada de decisões. Contra a construção mecanicista dos conteúdos do conhecimento que a escola se fundamentou durante anos.

A partir desse sujeito que vive essa realidade de exclusão, a identificação e elaboração das questões que lhes é comum, irá refletir o mundo visto de uma determinada posição no qual este grupo ocupa, na posição mais oprimida da sociedade. Assim os processos das dimensões ação e reflexão se convertem em ativismo, na transformação dessa realidade narrada e experimentada.

As cenas que compõem o filme documentário resultante deste processo revelou como é tratada a questão da pena no interior da medida socioeducativa, e como estão sendo elaborados e abordados pela sociedade em geral, e a necessidade desse tema se fazer presente nas discussões sociais, de forma a não criminalizar a juventude e suas práticas, ao passo em que, o argumento do filme constitui a representação da consciência e do imaginário daquele grupo, em especial, como a questão da pena é tratada.

No entanto a ferramenta audiovisual se caracterizou pela capacidade de tornar presente essa realidade, por meio das imagens e dos sons, isso trouxe também a possibilidade de revelar e desvendar aquilo que não está ao alcance da vida cotidiana que a televisão nos mostra.

O documentário ganhou cada vez mais espaço e chama a atenção daqueles que se preocupam em conhecer além da sua realidade circunscrita, é revelado aquilo que está além do seu campo perceptível e de experiências imediatas.

Do ponto de vista prático, a possibilidade que a oficina abriu para quem esteve envolvida diretamente na sua construção é de uma conscientização do papel da comunicação na convivência em sociedade, e a possibilidade de elaborarem e de se comunicarem sobre seus próprios problemas. Ao contrário do formato televisivo com repórteres e jornalistas habilitados a comunicar a realidade, o documentário se caracteriza por um tempo diferente, implica em pesquisa, reflexão, elaboração e ação por parte daqueles/as que a vivem.

O audiovisual consolidou a abertura desses espaços para que mais pessoas se apropriem das técnicas e das ferramentas necessárias a produção de um filme documentário, não criando papéis fixos, como do “documentarista”, do “diretor” ou das inúmeras outras funções tradicionais na produção cinematográfica. Deu lugar a uma produção coletiva que partilha não só daquela realidade, mas também da elaboração e difusão dela através do filme.

Wolfgang Iser (2005) em *Vídeo Educativo: uma pedagogia audiovisual*. Faz uma crítica consistente sobre as emissoras de TV brasileiras que têm como principal objetivo o lucro, assim como o modelo norte americano do qual foi copiado. As emissoras estão entregues ao capital instalando-se então um elemento de legitimação dos grupos de poder e seus organismos de controle. “O bombardeamento audiovisual num estilo específico de programação criou uma dependência viciosa da televisão” (2005) que não permite uma reflexão crítica. A exceção é a TV Brasil que é pública e que foi conquistada pelos movimentos de democratização da comunicação.

As discussões como essas acima sobre a disputa de poder na comunicação, desafiou e estimulou a compreensão sobre como este ser (corpo e discurso) se insere num conjunto mais amplo de relações sociais e espaciais que é delimitado no campo da ação e de sujeição daquele indivíduo na sociedade em que ele faz parte.

Walter Benjamin (1996) acredita que é preciso resgatar a memória narrativa do oprimido e que essa memória dialogue com a do opressor; apesar dele ter feito uma crítica ao tecnicismo e ao mecanicismo⁶, a ferramenta audiovisual pode ser utilizada de forma a subverter a lógica da difusão de informação. Assim seu uso pedagógico possui um futuro cheio de possibilidades.

⁶ O maior temor para Walter Benjamin era que o ser humano se tornasse um mero objeto da ciência e da técnica diante da automação e do surgimento de novas técnicas e das tecnologias. O mecanicismo e o tecnicismo seria o uso da técnica e da tecnologia sem o ato de reflexão, da automação por ela mesma.

Seus objetivos vão mais além do que as Informações alternativas, e perpassa o processo de ensino aprendizagem narrativo com a valorização da cultura popular e pelo processo educativo da reflexão crítica sobre a realidade.

2.2 AS INSTITUIÇÕES E O SUJEITO EM QUESTÃO

A unidade de medida socioeducativa assim como os presídios para adultos constituem territórios “fechados” em si mesmos, formados por inúmeras territorialidades e fronteiras. Foucault, no livro “Vigiar e Punir”, analisa a reforma penal que aconteceu a partir do séc. XVIII, afirma:

A punição vai-se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal, provocando várias consequências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade, não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens. Por essa razão, a justiça não mais assume publicamente a parte de violência que está ligada a seu exercício (FOUCAULT, 1975, p.14).

As unidades de internação para adolescentes reúnem e restringem, em um mesmo espaço, jovens vindos de diferentes lugares, com diferentes expectativas, necessidades e dificuldades.

Ao entrarem na instituição serão submetidos a uma tentativa de padronização de seus comportamentos, com possibilidades de alcançar benefícios se houver essas melhorias, essas avaliações ainda se encontram muito relacionada à subjetividade do avaliador.

Neste momento jurídico em que vivemos é importante que a punição aplicada aos indivíduos esteja fora do alcance dos olhares da sociedade. Aqui a câmera tem um papel importante. Ela trás para fora dos muros e das grades a discussão sobre a realidade que se desenrola não apenas no espaço restrito da prisão, mas também qual é o imaginário que se faz desses jovens na sociedade.

Revela-se então a realidade vivida, o corpo do indivíduo e seu lócus de fala como portador das marcas que refletem o tempo e o espaço. Desse modo a unidade de internação é o ambiente adequado para abordar, discutir e refletir temas como o tráfico de drogas, o vício do crack e a criminalidade, uma vez que nele se concentra jovens que construiram a partir dessas práticas suas estratégias de sobrevivência.

Do ponto de vista das políticas públicas em que a questão das drogas e da criminalidade juvenil estão tratada no Brasil, ora como demanda por mais segurança pública ora como problema sanitarista, negando-se desse modo a condição social do indivíduo, é que nos levou a

desvendar em que lugar estas questões mais aparecem (no discurso que é aceito publicamente e/ou no discurso ignorado?). Os adolescentes internos nestas unidades, é que melhor teriam condições de problematizar nas dimensões da realidade, independente dos julgamentos técnico-cientificistas, morais e legalistas.

O processo de higienização fundamentalista que acontece a partir do discurso por demanda de segurança pública, amplamente difundido pela mídia de massa, poderá nos ajudar a compreender e a criticar o tratamento dispensado pelo estado democrático de direito algumas das questões mais latentes no processo de criminalização da juventude negra e pobre: as drogas e a violência policial. Sem as quais, se faria incompleta a compreensão do fenômeno da crescente criminalidade juvenil (Batista, 2003)⁷.

Pesquisar a realidade sociopolítica dos trabalhadores que estão inseridos no comércio varejista de drogas, sua complexidade e suas dinâmicas, é o desafio. Fundamental compreendermos quem são essas pessoas e suas origens, podendo assim entender o contexto sócio-histórico que as levaram para situação de restrição de liberdade.

A ação e o discurso, vale lembrar, segundo Hannah Arendt (1995), “são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns com os outros, e como nos inserimos no mundo humano, onde assumimos o fato genuíno e singular do nosso aparecimento físico original”. Assim, o corpo e o discurso proibidos dos jovens parecem condená-los ao desaparecimento sem rastros.

No contexto simbólico que antecede a entrada desse adolescente na criminalidade encontra-se uma sociedade que destinou e reservou lugares subalternos, no entanto, já superlotados como, por exemplo: programas de primeiro emprego, cursos profissionalizantes de baixa rentabilidade, igrejas, escolas. O artigo “A Cultura Trabalho na Relação com a Educação de Jovens e Adultos-EJA-” do Erlando Rêses (2012) traz a reflexão sobre a exclusão dos jovens no mercado formal e na própria escola:

Nas aulas de EJA é relevante perceber as diversas maneiras como os estudantes lidam com o mundo do trabalho. Na sociedade capitalista, a chamada “acumulação flexível” exclui uma parcela considerável de trabalhadores da possibilidade de um trabalho assalariado fixo e com garantia de direitos sociais. A flexibilização e a desregulamentação das relações de trabalho têm provocado a criação de postos de trabalho cada vez mais precários. É comum encontrar pessoas que fazem da rua o seu local de trabalho. Como educadores, seria oportuno desvendar a dinâmica do mundo do trabalho e como os estudantes se movimentam nele. Para ilustrar a importância

⁷ Vera Malaguti Batista em *Difíceis Ganhos Fáceis* sobre o extermínio da juventude pobre do Rio de Janeiro, contemplando também política de segurança pública nacional e sua real demanda.

das experiências individuais e coletivas nos processos educativos. (RÊSES 2012)

Assim o Jovem da periferia busca no trabalho de comerciante varejista de drogas⁸, muitas vezes, querendo escapar do processo de sujeição dos quais seus pais e mães estão submetidos, encontrando então sua estratégia de sobrevivência ou como eles mesmos denominam ‘fazendo a correria da vida’, entender isso é ampliar o paradigma sobre a discussão da própria escola e do trabalho. Ainda em Rêses (2012 op. Cit). O texto traz a visão de Marx e Thompson sobre o trabalho.

Marx, na obra *Para a Crítica da Economia Política*, entende o trabalho como mediação dialética dos seres humanos com a natureza, assumindo diferentes conotações ao longo da história. Ao tratar das relações entre produção, distribuição, troca e consumo e, em última instância, dos vínculos entre trabalho e cultura. Thompson, na obra *“Costumes em Comum”*, analisa os costumes como ethos comportamental peculiar às camadas populares. Em sua análise, a manutenção dos costumes define uma espécie de resistência popular às normas e regras oriundas das classes dominantes, em especial vindas do processo de alfabetização da plebe. O costume não se encerra com tentativas de suplantação vindas de cima. Ele está em movimento e faz parte da experiência da classe trabalhadora (Thompson, 1998). (apud RÊSES, 2012)

De uma maneira ou de outra esses jovens não se submetem às normas e às regras das classes dominantes, criando o imaginário do chefe da “boca” como uma pessoa de sucesso, valorizando a cultura do crime que de alguma forma criou um espaço de atuação desse jovem e de sua valorização. Cria-se assim o seu ethos.

O processo histórico de criação das escolas públicas teve relação com interesses políticos, exemplo disso, foi à formação de mão de obra qualificada para atender as novas demandas da revolução industrial. Muita coisa mudou, desde então, porém o capitalismo ainda precisa de um contingente de reserva de trabalhadores. Por mais que houve mudança de lá para cá, a escola ainda não fornece perspectiva ou mesmo garantia de inclusão social.

Ao longo da minha experiência de três anos na Unidade de internação, desde 2011, encontrei jovens de todos os tipos, porém todos de uma maneira ou de outra carregavam uma certa mágoa, tristeza, descrença e até ódio quando falavam da escola: “ Eu tô aqui fessora porque não sei estudá” ou “ a escola confundi as coisas fessora, não gosto!” ou então “não sei porque tô nessa desgraça de escola, odeio istudá”.

Ivan Illich (1985) em seu livro *“A Sociedade Sem Escola”* descreve de maneira lúcida como os jovens pobres se sentem e percebem a escola:

⁸ Comércio varejista de drogas é termo discutido pela Vera Malagutti Batista em seu trabalho- *Diffíceis Ganhos Fáceis*.

Muitos estudantes, especialmente os mais pobres, percebem intuitivamente o que a escola faz por eles. Ela os escolariza para confundir processo com substância. Alcançado isto, uma nova lógica entra em jogo: quanto mais longa a escolaridade, melhores os resultados; ou, então, a graduação leva ao sucesso. O aluno é, desse modo, «escolarizado» a confundir ensino com aprendizagem, obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo. Sua imaginação é «escolarizada» a aceitar serviço em vez de valor. Identifica erroneamente cuidar da saúde com tratamento médico, melhoria da vida comunitária com assistência social, segurança com proteção policial, segurança nacional com aparato militar, trabalho produtivo com concorrência desleal. Saúde, aprendizagem, dignidade, independência e faculdade criativa são definidas como sendo um pouquinho mais que o produto das instituições que dizem servir a estes fins; e sua promoção está em conceder maiores recursos para a administração de hospitais, escolas e outras instituições semelhantes (ILLICH, 1985, p.16)

A verificação feita por Illich (1985) é, muitas vezes, contemplada por vários docentes e pesquisadores em escolas totalmente diferentes. A situação piora um pouco quando os jovens estão cumprindo medidas em instituições socioeducativas, essa inversão de valores entre o diploma e a competência demonstra o fracasso da educação capitalista.

Muitos adolescentes dentro dessas unidades já foram condenados pela escola a exercerem trabalhos manuais e que exigem força física. A escola tradicional desrespeita o conhecimento popular e levou à negação de seus saberes.

No artigo, *As anotações para uma Teoria do Conhecimento em Gramsci*, Semeraro (2001) descreve a importância que Gramsci deu à conquista de um conhecimento crítico, autônomo e criativo, foi tão crucial para a liberdade, e a afirmação do projeto político dos setores subjugados que Gramsci chega, em diversos momentos, a traçar as linhas da sua formação:

Em primeiro lugar, observa, é preciso fazer uma avaliação crítica das opiniões e das “crenças” disseminadas no “senso comum”, ao mesmo tempo em que se estabelece uma relação dialética com o “bom senso” presente no saber popular. Mas, principalmente, é necessário aprender a criar um distanciamento crítico do saber “acumulado” e “repassado” oficialmente, visto não como óbvio e natural, mas descoberto como organizado e administrado por uma classe que visa precisos objetivos de dominação. A partir desta consciência, as classes populares e seus intelectuais, passam a demarcar os elementos de ruptura e de superação em relação às concepções dominantes. O “novo intelectual” (que nunca é um indivíduo isolado mas um inteiro grupo social), enquanto trabalha para analisar criticamente e “desorganiza” os projetos dominantes, se dedica a promover uma “nova inteligência social” capaz de pensar a produção, a ciência, a cultura, a sociedade na óptica das classes trabalhadoras. (SEMERARO, 2001)

Entender a subjetividade desses jovens contra as estruturas que o cercam é de grande importância para se realizar um projeto das características que propus à unidade, o audiovisual pode trabalhar em uma perspectiva muito reducionista se mal utilizado, podendo muitas vezes

construir estereótipos e reafirmar preconceitos. Por isso a necessidade de compreender os sentimentos, os hábitos e as condições sócio-históricas desses adolescentes até mesmo com a instituição escola, mas essa discussão poderá ser feita em outro momento e quem sabe em outro documentário.

2.3 A EXPERIÊNCIA E SUAS SIGNIFICÂNCIAS NO PROCESSO VIVIDO NA OFICINA

O Projeto de Intervenção Local (PIL) – Oficina de Audiovisual - foi pensado de forma muito coerente com a realidade dos jovens em restrição de liberdade, destacamos a escolha da metodologia, através da opção pedagógica. Embora, nosso foco fosse por fim a educação e a imagem popular foi necessário mostrar que tipo de educação e discussão estava propondo à escola e à unidade para que estas pudessem aderir, assim como os seus estudantes.

Neste caso específico a conceituação da educação popular, se fez necessária já que precisávamos situá-los no contexto mais diversificado de educação em sua essência de emancipação do ser humano e de sua integralidade. A educação popular fundamenta-se no referencial de Paulo Freire (1987) e que a educação é um processo contínuo de formação, em que prioriza o conhecimento e técnicas não hegemônicas de instrumentalização,

2.3.1 Primeira Etapa – Conscientização

Esta primeira etapa foi mais relevante e longa, pois aqui buscaríamos as estratégias e técnicas de trabalho por meio das discussões de documentários, a fim de propor uma construção coletiva junto aos jovens. Para tanto, definimos algumas metas para iniciarmos nossa caminhada. Alguns objetivos específicos foram rediscutidos juntos com os/as jovens, tínhamos a ideia fixa de que todas as decisões deveriam ser tomadas conjuntamente com os jovens, a responsabilidade deveria ser algo compartilhado, na busca de autonomia e valorização dos saberes dos estudantes nestas condições.

Os filmes exibidos no decorrer da primeira etapa, a de *conscientização*, sofreram algumas alterações do cronograma inicial. Listo abaixo os documentários trabalhados:

Quando a Mãe chora e o filho não vê, *“É pó é pedra é um vício no meio do caminho”*, *“Vale a Pena”*, *“Verdade ou Consequência”* Exibição de material produzido em outras oficinas de audiovisual realizadas nos Centros de Internação para Menores em Goiânia, em que os jovens e adolescentes na mesma condição se apropriam da técnica audiovisual e discutem questões mais latentes de sua realidade dentro e fora da unidade de internação.

O primeiro filme “*Quando a Mãe chora e o filho não vê*” mostra a triste realidade dos familiares em dia de visita na unidade, suas expectativas, a saudade e sua “odisseia” para visitar o filho internado.

“*É pó é pedra é um vício no meio do caminho*” discute entre os jovens a questão das drogas, por que a necessidade de consumi-las a discussão perpassa pelo lazer e o ócio em suas comunidades, só lhes restando bares e igrejas.

“*Vale a Pena?*” discutir o cumprimento da pena, seus malefícios, todo constrangimento e humilhação, e se o caminho que o jovem percorre até chegar ali valeu o tamanho da sentença.

“*Verdade ou consequência*” trata das consequências do uso de drogas quais os mitos e verdades sobre a utilização e o que os levaram para utilização do uso, a partir da visão dos jovens.

Os filmes escolhidos acima tinha por objetivo apresentar e introduzir a oficina e o documentário, na UIPP, mostrando que é possível realizar filmes dentro de unidades de medidas socioeducativa. Trazer a discussão sobre as próprias questões dos jovens possibilitou uma reflexão sobre seus atos, a fala de uma aluna caracteriza bem isso – “Falar sobre a gente não é muito bom, pode fazer casinha (armadilha), mas com esse entendimento dá pra gente pensar no que fizemos”.

Depois que passamos as quatro produções de Goiânia os jovens e adolescentes entraram no clima e compreenderam o que poderia ser produzido naquela oficina houve uma maior adesão, fui chamada para várias conversas informais, todos queriam me contar as suas ideias. Iniciamos a oficina.

Segundo encontro, passei os Capítulos 1 e 2 - Surgimento do Brasil da série “*O Povo Brasileiro*”, baseado na obra do antropólogo Darcy Ribeiro, os dois capítulos escolhidos lidam com a nossa formação brasileira a partir dos descendentes dos povos escravizados oriundos da África, e dos povos indígenas tupis-guaranis, macro-gê e outras etnias. Os documentários foram necessários para entender a constituição do povo brasileiro e tentamos discutir a identidade, ou resgatar a que perderam.

Registrei em meu diário dois tipos de reações, a mais comum entre eles foi o de rejeitar, registrei uma frase que resume bem as falas gerais: “não sou nego ‘fessora’ muito menos índio”. Tentamos desconstruir estereótipos de feio e mentecaptos nas discussões posteriores e tentamos trabalhar elementos de valorização do negro, do pobre, da periferia e dos trabalhadores. Foi muito importante esse processo de auto-identificação, e valorização dos nossos antepassados e de reconhecermos o nosso processo sócio-histórico. Para

complementar o filme busquei Rap essa construção identitária escutamos os Racionais Mc's, Facção Central, Realidade Cruel, GOG e outros.

No terceiro encontro alguns jovens desistiram. Segundo os agentes de segurança os jovens se negaram a participar; posteriormente em contato com os mesmo jovens na escola, me disseram que os agentes não os tiraram mais dos módulos. Neste momento passamos *Hiato*, Vladimir Seixas (2001), o filme documenta a ida de populares do Movimento dos Trabalhadores Desempregados - MTD, em um Centro Comercial na Zona Sul Carioca – o RIOSUL em 1998.

Depois desse documentário as discussões foram produtivas, os jovens e adolescentes se identificaram com os trabalhadores, e houve muito relato de preconceito vivido por eles, pensamos até como tema trabalhar o preconceito e a exclusão, mas decidimos esperar um pouco mais. De certa forma esse entendimento ficou explícito na primeira parte do vídeo.

Sucessivamente passamos *Ilha das Flores*, documentário de Jorge Furtado (1989) que trabalha a ideia do lucro, e da mais-valia e dos problemas do desperdício da sociedade de consumo, de forma didática e bem leve, narrando a história de um tomate (mercadoria). Sua montagem e estrutura o tornaram irônico ao mostrar as contradições e incoerência do capitalismo.

Logo em seguida passei *Levante sua Voz*, Coletivo Intervezes (2009) criado por Jorge Furtado, o documentário é uma paródia de ilha das flores e narra, de forma didática e irônica, a dominação dos meios de comunicação no Brasil e as 17 famílias proprietárias de emissoras, questionando as informações que os cidadãos comuns recebem em suas casas.

As discussões realizadas depois desses dois filmes foram interessantes, pois neste momento, começaram a entender o processo de manipulação da informação feita pelos grandes meios de comunicação no Brasil e compreenderam a necessidade de apropriação desses meios para narrarem suas próprias histórias. No início do filme "Efeito camaleão" fizeram questão de mostrar o que os jornais de massa mostram sobre eles.

Após essa discussão, assistimos o filme *Ônibus 174*, José Padilha (2002) e *Última Parada 174*, Bruno Barreto (2008), o documentário de José Padilha que trabalha as informações sem restrições de forma agressiva, demonstra a realidade dos meninos de rua do rio de janeiro pela vida de Sandro, o sequestrador do ônibus 174 na zona sul carioca; o filme a *Última Parada* já é uma obra de ficção que representou a realidade, a história de vida de Sandro Nascimento sobrevivente da chacina da candelária. Depois desses dois filmes partimos para dialogar sobre os diferenciais teóricos da produção ficcional narrativo e da produção

documentária mais denotativa. Teve um aluno que ao assistir o filme *Ônibus 174* começou a sentir-se mal, com a pressão baixa, sem ar e voltou para o módulo de cabeça baixa.

O último foi *Rap, o canto da Ceilândia*, Adirley Queiroz (2005), nesse momento foi interessante, principalmente, pela presença de três jovens pertencentes a mesma comunidade onde o documentário em questão foi realizado. Este documentário contribuiu para a discussão das diferentes formas de expressão que se cruzam e se conectam. Como atividade, foi proposto que os jovens escrevessem letras de música, o objetivo foi começar a pensar na trilha sonora.

Alguns filmes mudaram de ordem por adequação de horário e alguns cliques musicais foram inseridos: *Diário de um Detento* (Racionais Mcs), *Sonho real* (GOG), *Televisão* (GOG e Faces da Morte), *Hoje Deus Anda de Blindado* (Facção Central), áudio: *Será que vai sobreviver?* (Apocalipse urbano).

2.3.2. Segunda etapa – Capacitação

Nessa segunda etapa houve maior engajamento por parte dos adolescentes e instituiu-se um segundo momento da oficina onde começamos a propor atividades escritas visando o início da reflexão sobre o tema a ser abordado no documentário. No primeiro dia de capacitação iniciamos as oficinas práticas, com uma câmera conectada a um projetor algumas noções de filmagem foram passadas juntamente de material impresso. Convidamos o palestrante Júnior que tem uma produtora de vídeo e que passou as principais técnicas de audiovisual.

Depois desenvolvemos o roteiro seguindo uma estrutura bastante simples, delimitamos o tema, a história, as sequências e criação de um roteiro de perguntas, já que ficou decidido entrevistarmos os atores que estavam envolvidos diretamente no processo de integração social dos jovens.

Filmamos um módulo dentro da unidade, este tinha benefícios por conta do comportamento e atitudes dos jovens, os internos desse módulo eram os melhores alunos, e andavam livremente pela unidade, atualmente não existe mais esse módulo por justificativa da segurança.

A prática de escrita, os registros e a visualização de materiais de produção própria criou a dimensão do real, das suas construções e produções. Processo intensivo de técnica e ferramentas tecnológicas (fotografia, câmera, edição), possibilitou a desconstrução de valores e do fetichismo tecnológico, aqui utilizamos além de ferramentas simples o poder de uma imagem e experimentando técnicas nada complexa de gravação de áudio, vídeo e fotografia. A escolha

pelas imagens e construção do documentário foi criada pelos adolescentes que a partir dessas técnicas puderam se apropriar da tecnologia de forma mais natural, sem medo da tecnologia.

Todos os problemas surgidos no decorrer da oficina foram colocados para o grupo discutir. Depois da ida do Júnior, ficamos com uma câmera amadora e ainda não tínhamos feito algumas entrevistas que julgávamos interessante. Acabou que essas imagens não entraram na edição final. O interessante é que os jovens sempre estavam dispostos a resolver os obstáculos que surgiam.

Os jovens criaram um roteiro de ficção também, porém por falta de tempo para ensaios e uma produção teatral, abandonamos os projetos.

3.3.3. Terceira etapa – Produção

Infelizmente a edição do vídeo não pode ser realizada com os adolescentes, pois não tínhamos permissão de levar computadores para dentro dos módulos. Várias vezes, levávamos as imagens e escolhíamos coletivamente o que iria ficar e sair. Foi muito decisiva a participação de um jovem C.F. de 18 anos que se dedicou ao máximo na escrita do roteiro e nas escolhas das músicas em cada parte do documentário. E posteriormente comentou-se que atualmente ele faz estágio no Tribunal de Justiça do Distrito Federal. Não consegui mais ter contato com ele; no documentário é o jovem que foi entrevistado, bastante articulado e espontâneo e cativou a todos.

A adolescente A.C.A de 16 anos, que deu seu depoimento no final do filme "Efeito Camaleões"; encontra-se na Papuda, prisão de adultos do Distrito Federal. Apesar de muito lutar para não entrar e se manter longe de confusões, ela novamente volta ao comércio varejista de drogas, solução que encontrou para subsistir.

O adolescente C. dos S. 17 anos depois da oficina de vídeo foi liberado pela juíza para um "saídão", ou saída de final de semana, e nunca mais voltou. Os demais não pude acompanhar de perto, muitos foram liberados e voltaram para as suas comunidades.

A grande limitação desse projeto foi a falta de continuidade por falta de estrutura, no qual os/as jovens pudessem se apropriar efetivamente da técnica e levar para suas comunidades.

CONSIDERAÇÕES

Diferentemente de outras experiências semelhantes com oficinas de audiovisual no contexto popular, o ambiente restrito, trouxe muita inquietação, a expectativa de vida desses jovens é tão pequena, que verifiquei que o tempo deles não era o do relógio, havia uma ânsia por viver mais coisas em menor espaço de tempo.

Apesar da lei para jovens e adolescentes em restrição de liberdade ser bem atual e priorizar a educação a prática dentro dessas unidades ainda não evoluiu nesse conjunto. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013) tem buscado uma convergência das políticas educacionais com a política de cerceamento jurídica:

A natureza do estabelecimento penal, como funciona hoje, é hegemonicamente mais punição do que recuperação do apenado. Em tal ambiente de pouco espaço para o exercício da individualidade e da reflexão, a educação fica minimizada em seu potencial de recuperação das pessoas encarceradas. Além disso, dificulta a prática educativa. É necessário mudar-se a cultura, o discurso e a prática para compatibilizar a lógica da segurança (de cerceamento) com a lógica da quanto aos objetivos da prisão: a recuperação e a ressocialização dos presos. (Diretrizes Curriculares Nacional Educação Básica, 2013).

Para desconstruir essa cultura penal focada somente na punição e transformá-la em uma cultura educativa para emancipação do sujeito onde se garanta a reinserção, ou até mesmo, a inserção dessas pessoas na sociedade, seria necessário abrir os espaços de fala. Muitas vezes, os alunos me narraram que passavam o dia inteiro assistindo televisão, e várias vezes reproduziam as ideias difundidas pela mídia oficial.

É necessário que haja uma pedagogia mais libertária nessas frentes de trabalho o engajamento dos adolescentes foi proporcional ao meu. Não digo de mudar a estrutura presidiária no Brasil, que é um sistema que vem historicamente desde tráficos de pessoas escravizadas vindo da África, mas buscar os intelectuais orgânicos entre eles na tentativa de emancipação do sujeito.

A finalização e apresentação do trabalho surpreendeu a todos, seja os jovens que se distanciaram no decorrer do processo - talvez por não acreditarem que aquele processo resultaria em algo concreto, seja para instituição que acompanhava à distância, o filme pronto parece ter balançado a relação rotineira que estes estabelecem entre si.

O universo apresentado pelo conjunto de filmes ressignificou a realidade, tornou o cotidiano questionável, desvendou mecanismos que vão muito além das noções do “certo” e “errado” que permeiam todo o complexo de regras sociais, trouxe o processo reflexivo sobre a

origem da violência, que muitas vezes, nos foi comunicada, como uma entidade sem passado, como se não fosse consequência histórica.

Esses resultados não foram totalmente esperados, o processo reflexivo foi muito mais além de uma possível integração na sociedade de consumo ou no mercado de trabalho. Os estudantes nessa situação se viram realmente vítimas de uma sociedade que os condena antes mesmo de nascer por serem: pobres, negros, vindos do interior, por não falar a língua padrão, e outras características que são justificativas para exclusão.

Da minha parte sinto que conheci e convivi no intrínseco da consequência de uma urbanização/industrialização que evoluiu para uma sociedade tecnocrata e que produz milhares de excluídos para manter o luxo e capricho de alguns.

Segundo NOSELLA (2003) “o território confere concretude à própria história humana, o instrumento técnico, científico e informacional lhe confere a dimensão globalizante. Ou seja, com meios técnicos, o homem conquista, invade, domina os territórios”. Subverter essa lógica do domínio da técnica por parte dos oprimidos a fim de avançar nos territórios que foram tomados, conquistando seu poder no lócus de fala e constituindo seus discursos e suas ações no mundo.

A opção pelo audiovisual contribui na retomada desses territórios, na tentativa de poder existir no mundo. Por meio do corpo e do discurso, é a luta do oprimido em subsistir e narrar a sua história que leva a problematizar as questões mais pulsantes que a sociedade ignora.

Esse reconhecer-se no mundo, por meio do processo de refletir para então comunicá-lo, possibilitou construir/desconstruir problemas, o que a princípio parecia irrelevante, por ser-lhes banal, passou a ser tratado como o ponto chave. Possibilitou, assim, desvendar aspectos e mecanismos traduzidos em imagens.

O filme "Efeito Camaleões" que parece compor capítulos de uma busca pela aceitação social, desnaturalizou e a ressignificou a relação com esse espaço social que parece sempre renegá-los/las, a interpretação e compreensão das pessoas sobre a realidade e de si mesmos/as.

Os caminhos traçados por estes olhares, no qual o documentário pretendeu dialogar mostrando os meios estigmatizantes como a “mídia oficial”, que logo cedo delega a um montante cada vez maior de jovens negros e pobres o papel de inimigo público da sociedade.

Depois de uma sessão com o filme Efeito camaleões em agosto de 2013 um aluno recém chegado na Unidade me deu um poema que refletiu aquele processo de oficina, que foi o de enxerga a si mesmo no contexto social.

As grades não são de papel

A felicidade aqui não existe
As grades não são de papel
No coração bate a saudade
O ensino do mundo é cruel.

Várias vezes nós não pensamos
Nos erros que cometemos
Mas quando o pior acontece irmão...
O pior, ainda veremos, como não?

Meu barraco nunca foi mansão
Minha cela nunca foi o meu barraco
Atrás das grades agora mais um neguin
Que na vida escolheu o lado errado.

O sol na tranca é raridade
Aqui um dia demora um ano
O bom é quando o mano sobe
Que o saidão já tá quase chegando

As grades aqui são muito altas
Meus pensamentos aqui é uma trilha
Mil e uma coisa que passa na mente
A primeira coisa que vem é a família

O homem sempre foi ambicioso
Quanto mais eu tinha mais queria
Sempre pensando no modo mais fácil
E do modo mais fácil também seguia

Muitos aqui! Varias passagens!
Falam que quando sair irão mudar
Sair do crime irmão, não é fácil!
Vários falam só por falar.

Eu sei que vai ser chato
Arrumar um trampo quando sair?
- Além de pobre é favelado!
- Além de favelado é neguin!

Meu pai sempre dizia
Vários conselhos na vida me deu
Tudo para ser alguém!
Mas quem escolhe o caminho
Muitas vezes não sou eu!

As grades não são de papel
E se fosse iria queimar
Um tempo atrás morreu um queimado
As grades são de ferro pra sustentar.

Lembro que um dia eu vi
A felicidade no olho de um detento
Sua filha de dois anos de idade
Era a primeira vez que ele estava vendo

Domingo aqui é dia de visita
É o dia que tenho alegria
E como diz o ditado
Nada como um dia após o outro.

Muito ladrão eu vi pegar na bíblia
Apenas na hora que estava preso
Agradeço a Deus por estar vivo
E não dentro de um caixão.

Agora estou aqui mais uma vez
Atrás das grades do CAJE
Onde a felicidade é uma lenda
Mais cresce como mato a maldade.
V.C.L 17 anos

O questionamento por fim vai ao sentido da disputa entre educação e o dinheiro. Qual o poder da educação diante do dinheiro? A educação criará verdadeiramente a inserção social às essas pessoas?

Atualmente a Unidade de Internação Plano-DF está sendo desativada com a promessa de que até o começo de abril de 2014 esteja com os portões fechados. A influência do setor imobiliário pesou na retirada da unidade do centro da capital, pois do seu lado foi construído um enorme bairro de classe alta.

A Unidade foi construída na ditadura militar pelo então ditador Geisel, e se encontrava em péssimas condições, alas inteiras condenadas e insalubres, além dos portões fechado, espera-se que certas práticas também possam encerrar junto com a Unidade.

REFERÊNCIAS

- ARENDR, Hannah. A condição Humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- BATISTA, Vera Malagutti. Dífceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia/Revan, 2003.
- BENJAMIN, W. (1996). A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Editora Brasiliense. 1994.(Obras Escolhidas).
- CONSTRUÇÃO Coletiva, texto trabalhado no Curso Ctareja. 2013
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis, vozes, 1987.
- FREIRE, PAULO. Extensão ou comunicação? tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Prefácio de Jacques Chonchol 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17aed. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1987.
- ILLICH, IVAN. Sociedade sem escolas: trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 1985.
- MENEGAT, Marildo. Olhos Acostumados à sombra, os nossos: um estudo sobre os usos e as iluminações do conceito de barbárie na tradição crítica brasileira, in Lobo, Roberta (org.) crítica da imagem e educação: sobre a contemporaneidade / organização Roberta Lobo. - Rio de Janeiro: EPSJV, 2010.
- NOSELLA, Paolo. Trabalho e Educação: Território e Globalização. 2003 Disponível em <http://www.uninove.br/marketing/viii_coloquio/pdfs/NOSELLA_Paolo.pdf> Acesso 21/mar./2014.
- RÊSES, Erlando Silva. Análise da Inclusão do Eixo Trabalho nas Políticas Públicas de Educação: Avanços e Desafios. In: CUNHA, Célio da; SOUSA, José Vieira e SILVA, Maria Abádia (orgs.). Avaliação de Políticas Públicas de Educação. Brasília: Faculdade de Educação/Universidade de Brasília; Liber Livro, 2012
- SALGADO, Sebastião. Sebastião Salgado in História da Fotografia. Disponível in <https://sites.google.com/site/7e5histfoto/sebastiao-salgado>. Acesso em 20/março/2014
- SEMERARO, Giovanni. Anotações para uma teoria do conhecimento em Gramsci. Revista Brasileira de Educação, núm. 16, jan-abr. 2001, pp. 95-104, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Brasil. disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27501610>>. Acesso em: 20/mar./2014
- TELES, Lúcio França et al. Proeja Transarte- Construindo novos sentido para educação de jovens e adultos trabalhadores. Brasília. 2012.

WOLHGEMUTH, Júlio. Vídeo Educativo: uma pedagogia audiovisual. Brasília: Editora Senac – DF, 2005.

Racionais MCs. Diário de um Detento: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=i8Kxzt1WvY4>>. Acesso 21/março/2014.

GOG. Sonho Real. Disponível em :

<<http://www.youtube.com/watch?v=SuKBHTBaiol>>. Acesso em 21/março/2014.

Facção Central. Hoje Deus anda de Blindado. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=90nzxX3L56M>>. Acesso 21/março/2014

Rap o canto da Ceilândia Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=KumGrymun8s>>. Acesso 21/março/2014.

DK.J, Rap. Regeneração de um Homem. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=h_GwkJEPGK8> Acesso 21/março/2014.

Agradecimentos especiais:

Equipe de alunos

A.C.A. 16anos, A.V. 17anos , C.N.da S. 16anos, D.R. 17anos, L. 15anos, P. S. 16anos, A.S. 16anos, A.C. 17 anos, C. dos S. 17 anos, L. M. 15 anos, K. R. 15 anos, W. J.16anos, C.F. 18 anos.

Entrevistado:

C.F 18 anos, Isabel, Wellington, Ronaldo

Depoimento

A.C.A. 16anos

Poema:

V.C.L 17 anos

Agradecimentos:

A todos os colaboradores da UIPP e Walter Júnior pela edição.

Professores Responsáveis

William Luzente

Lua Isis B. Marques